



Nefertiti, um corpo violado, um corpo violentado: a im-permanência, o des-amparo e o não-pertencimento na vivência do abuso sexual infantil

Nefertiti, a violated body, a violated body: im-permanence, helplessness and non-belonging in the experience of child sexual abuse

Néfertiti, un corps violé, un corps violé : im-permanence, impuissance et non-appartenance dans l'expérience de l'abus sexuel d'enfant

Tagna Jacques da Mata

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

A violação da inocência de uma criança pode se dar em milhares de formas perversas, o abuso sexual na infância é uma realidade vivenciada no Brasil por mais de 4000 mil crianças ao longo do último ano de 2022, isso levando em consideração os números de denúncias, visto que existe um número inimaginável de casos que não denunciados, sendo causados em grande parte por familiares e conhecidos em pelo menos 70% dos casos. O objetivo do estudo foi compreender a pluridimensionalidade do abuso sexual na infância e suas consequências no existir sob o viés da Fenomenologia-Existencial. Trata-se de pesquisa de cunho qualitativo, utilizando o método fenomenológico de pesquisa, a partir de um relato de experiência de sobrevivente de abuso sexual na infância e embasado no pensamento heideggeriano, na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty e na perspectiva da clínica dos três olhares de Ewerton Castro. Foram elaboradas as seguintes categorias: **O ser-criança é transposto em confusão, assegurado do silêncio; A inocência se esvai em meio ao emaranhado do desamparo despercebido; A perpetuada sucessão de ser-violada; Convivendo com o violentador; O silêncio resguardado pela facticidade; A liberdade incorporada pelo medo, rumo a plenitude.** Conclui-se, portanto, que em meio a toda a violência e desamparo a qual a vítima de abuso sexual na infância é submetida, é possível se tornar o ser que cuida e ampara.

Palavras-Chave: Abuso sexual na infância; silêncio; inocência; cuidado, método fenomenológico.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Abstract

The violation of a child's innocence can happen in thousands of perverse ways, sexual abuse in childhood is a reality experienced in Brazil by more than 4000 thousand children over the last year of 2022, this taking into account the numbers of complaints, since there is an unimaginable number of cases that are not reported, being largely caused by family members and acquaintances in at least 70% of cases. The objective of the study was to understand the pluridimensionality of sexual abuse in childhood and its consequences in existing under the bias of Existential-Phenomenology. This is a qualitative research, using the phenomenological method of research, based on an experience report of a survivor of sexual abuse in childhood and based on Heideggerian thought, on the phenomenology of perception by Merleau-Ponty and on the perspective of the clinic of three looks of Ewerton Castro. The following categories were elaborated: The being-child is transposed in confusion, assured of silence; Innocence vanishes amid the tangle of unnoticed helplessness; The perpetual succession of being-violated; Living with the rapist; Silence protected by facticity; Freedom embodied by fear, towards fullness. It is concluded, therefore, that in the midst of all the violence and helplessness to which the victim of sexual abuse in childhood is subjected, it is possible to become the being that cares and supports.

Key words: Childhood sexual abuse; silence; innocence; care, phenomenological method.

Résumé

La violation de l'innocence d'un enfant peut se produire de milliers de manières perverses, les abus sexuels dans l'enfance sont une réalité vécue au Brésil par plus de 4000 000 enfants au cours de la dernière année de 2022, ceci en tenant compte du nombre de plaintes, car il y a un nombre inimaginable de cas qui ne sont pas signalés, étant largement causés par des membres de la famille et des connaissances dans au moins 70% des cas. L'objectif de l'étude était de comprendre la pluridimensionnalité des abus sexuels dans l'enfance et ses conséquences dans l'existence sous le biais de l'Existential-Phénoménologie. Il s'agit d'une recherche qualitative, utilisant la méthode de recherche phénoménologique, basée sur un récit d'expérience d'une survivante d'abus sexuels dans l'enfance et basée sur la pensée heideggerienne, sur la phénoménologie de la perception de Merleau-Ponty et sur le point de vue de la clinique de trois regards d'Ewerton Castro. Les catégories suivantes ont été élaborées : L'être-enfant est transposé dans la confusion, assuré du silence ; L'innocence disparaît au milieu de l'enchevêtrement de l'impuissance inaperçue; La succession perpétuelle d'être-violés ; Vivre avec le violeur ; Silence protégé par la facticité ; Liberté incarnée par la peur, vers la plénitude. Il est donc conclu qu'au milieu de toute la violence et de l'impuissance auxquelles est soumise la victime d'abus sexuels dans l'enfance, il est possible de devenir l'être qui prend soin et soutient.

Mots clés : Abus sexuel durant l'enfance ; silence; innocence; soins, méthode phénoménologique.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

A infância é vista e pautada quase que predominantemente na inocência, na pureza, no despertar e desenvolver dos sentidos, a descoberta de tudo o que é novo. Em seu primeiro grupo social de pertencimento, a psicologia social explica que na primeira infância, a família deverá ser aquela que acolhe, protege, ensina e lhe proporciona todo o suporte emocional que aquele ser humano vai necessitar para ter um rico e saudável desenvolvimento, ao menos, assim apontam os estudos. E se em meio a uma fatalidade essa mesma criança é deixada desolada e sem quaisquer desses amparos? Rygaard (2006) aponta que crianças que são solitárias tendem a ser presas mais fáceis para abusadores em potencial. Nesse ponto ele explica os mais diversos exemplos de situações que levam a essa solidão, ele destaca, inclusive, a separação dos pais dessa criança, onde sob essa circunstância, se torna uma vítima fácil para abusadores, principalmente os que atuam como substitutos parentais. Isso se confirma pelo fato de que 80% dos casos ocorrem por pessoas próximas, seja esta, parte da família, amigo, progenitor e etc. Castro (2021). Um paradigma é visto em boa parte dos casos, visto que o modo operando do abusador vai de encontro com o que por vezes é visto na sociedade e aceito. É o que Castro (2021), traz como reflexão, destacando que a sociedade se mostra tolerante com a violência sexual, ao que se vê sendo incorporada como cotidiana e não mais causa assombro, dessa forma notamos mais um nível de violência presente no abuso, sendo a permissividade e a complacência para com o que se vê diante dos olhos.

A violência se perpetua não apenas pela violação e a complacência, mas também vista pela negligência na infância, já configurando um crime por si só, mas principalmente pelo adoecimento psicológico. Trazendo reflexões para o momento atual da sociedade, em que se discute a educação sexual nas escolas ou não, ou será esse um trabalho dos pais? Nos deparamos com inconsistências dentro dos próprios sistemas da sociedade, um paradoxo que se perpetua em milhares de casos.

O tipo de abuso sexual mais comum, causador de maior espanto à sociedade seria o incesto, representado pelo abuso sexual intrafamiliar, aquele onde há



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

relação de criança ou adolescente com pessoa adulta da família, frequentemente pai e filho (a) (Risman, *et al.* 2014).

Dessa forma, trazemos aqui a reflexão mais uma vez a respeito do seio familiar, a partir de dados de pesquisas que claramente apontam os resultados advindos de sucessivas negligências, em grande parte dos casos, e em outras ocasiões, apesar de todo cuidado por parte da família, ainda se vê casos em que os abusadores se utilizam, conforme Castro (2021) nos traz, do medo, culpa e dos serviços de apoio, e em alguns casos a vergonha.

A Organização Mundial da saúde (OMS), claramente enfatiza que toda criança tem o direito de ser mantida longe da violência, esta, por sua vez inclui o abuso sexual infantil. Dessa forma:

Estudos internacionais estimou uma prevalência média de abuso sexual na infância de 20,0% para mulheres e 8,0% para homens². As variações nessas taxas provavelmente decorrem das diferentes definições de ASI, no que concerne à faixa etária e às diferenças metodológicas existentes entre os estudos. Nos países nórdicos as taxas variaram de 14,0% para mulheres e 7,0% para homens, na Dinamarca; 2,4 a 9,3% para as mulheres e de 0,7 a 4,6% para os homens, na Finlândia; na Suécia, a prevalência global variou de 2,0 a 11,0% e, na Noruega, de 10,0%⁴.(Platt . 2018)

Nos deparamos, portanto com um emaranhado de culturas que por vezes apoiam o ASI, o que nos remete a complicação de conseguir extinguir tais comportamentos e perpetuamente deixar as crianças ou qualquer ser humano livre de tais violências. Castro (2021), nos conduz em uma discussão ávida a cerca do descaso e precariedade social das políticas públicas , assistências psicológicas e sociais que tornam tais vivências, até mesmo a denúncia, mais precária e distante da realidade quem vive em situação de abuso, como em casos onde, Figueiredo (2022) afirma, com base em seus estudos que quanto ao número de estupros e estupros de vulnerável no Amazonas em 2021, houve um total de 753 registros, sendo 539 com vítimas menores de 14 anos, fator que se deve essencialmente pela escassez de



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

delegacias, em casos do interior e além da falta de acesso a equipes psicossociais no local ou até mesmo, o acesso á cidades, como nos casos de ribeirinhos.

Assim, podemos enfatizar que a precariedade para vítimas de ASI em todos os níveis: sociais, jurídicos, psicológicos, demográficos e entre outros só corroboram para o agravamento das situações, especialmente em se tratando de crianças de 0 á 14 anos, conforme considera o Estatuto da criança e do adolescente - ECA, que por muitos casos, incontáveis e não levados á justiça são silenciadas e mantem tal segredo guardado consigo por incontáveis anos, sendo guardado envolto de desolamento, confusão, incompreensão e em muitos casos, o ódio, seja por si ou pelo violentador. Desta forma, como proceder diante de todas as precarizações? A lei : Desde 2012, a contagem para prescrição de crimes sexuais cometidos contra crianças e adolescentes passou a ser calculada a partir de quando as vítimas completam 18 anos e não mais da data de quando o abuso foi praticado. A mudança ocorreu com a Lei 12.650/2012, proposta pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Senado sobre Pedofilia, e alterou o Código Penal (Decreto-Lei 2.848/40).(Conselho Nacional de Justiça CNJ, 2018).

Portanto, no que tange a lei, vítimas de ASI, ao completar seus 18 anos, podem recorrer à justiça para realizar a denúncia, todavia, o que não se faz presente na lei, que de fato ocorre, é o constrangimento e não amparo das vítimas que buscam por justiça, uma vez que já não há provas, como Castro (2021) nos recobra, que nessa conjuntura, é a palavra da criança, contra a do violentador. E como resultado, mais uma possibilidade de denúncia, é engavetado. O que resta? Os danos psicológicos causados á criança, agora já adulta e com traumas que lhe seguem.

Prosseguindo, mediante o exposto, nos deparamos com uma violência que é capaz de afetar toda a vida de uma pessoa, de mudar todo o futuro e perspectiva, pois surgem questionamentos por parte daquilo que lhe causaram, como: E agora? O que fazer com o que me fizeram. Um estudo desenvolvido com base em um relato de experiência vivenciada de um(a) participante, aqui nomeado como Nefertiti, que significa "*a mais bela chegou*", foi uma rainha egípcia da XVIII dinastia e foi tão notável



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

por ser a esposa de faraó Amenhotep IV, apontada como a maior responsável pelo sucesso de seu reinado com Amenhotep, em outras terias, se apontava que eram a mesma pessoa. Nefertiti conseguiu seu lugar bna história como uma grande guerreira que teve que superar grandes traumas advindos das mortes de suas 3 filhas e de uma quarta filha que segundo a história, morreu afogada, lhe restando 2 filhas, ao longo de 9 anos de reinado. (Silva, [s.d.]). Neste relato de experiência nos deparamos com Nefertiti, que vivenciou sucessivos casos de ASI. Tal pesquisa busca ampliar o olhar do leitor para os abusos que ocorrem de forma velada e silenciada, discorrendo sobre as implicações da vivência em meio ao desamparo e os sofrimentos ocasionados. Tal problemática ainda é presente na vida de incontáveis vítimas, sem considerar as estatísticas dos casos de ABI que ainda são extremamente presentes na vida de muitas crianças e as memórias de traumas de infinitas vítimas que podem saber, através desse trabalho, que não estão sozinhas e que a mobilização para conscientização para que cada vez menos casos como o de Nefertiti, continuem a acontecer.

A memória dos traumas, por vezes são vistos como os maiores inimigos, uma vez que tudo o que se busca nesses casos, é esquecer que aquela violência de fato ocorreu e continua a afetar outras vítimas, Castro (2021) traz que, para todos os efeitos, a resiliência deverá trazer a capacidade e potencialidade de conseguir tolerar, manipular e aliviar as consequências psicológicas, comportamentais e sociais do ASI. Visando a ressignificação dos traumas passados que vão se dar em distintas fases da vida, nesse estudo, na fase adulta.

Fenomenologia: os olhares de Heidegger, Merleau-Ponty e Castro

Criada pelo matemático austríaco Edmund Husserl, a Fenomenologia surge como uma ciência do rigor, a partir da qual o modelo científico deveria considerar como sendo o método de pesquisa rigoroso e que, possibilitaria ao arcabouço científico retornar às coisas mesmas, ou seja, voltar seu olhar para o homem, para a experiência que esse autor chamou de *Lebenswelt*, o mundo-vivido.



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

O pensamento de Husserl foi estudado por outros pensadores. Um destes, Martin Heidegger, filósofo alemão que busca compreender o Ser para além do que preconizava a metafísica clássica, ou seja, sair dos parâmetros de Ser é universal, Ser é indefinível. Para isso, elaborou um verdadeiro tratado sobre a temática, publicando em 1927 (2013) a obra *Ser e Tempo* que nos embasamos em alguns conceitos para olhar a vivência descrita neste estudo.

Heidegger (2013) propõe que lancemos o olhar sobre o ser humano enquanto *ser-no-mundo*, ou seja, sobre cada um de nós e nosso modo de ser muito próprio de enfrentarmos as situações mais diversas que nos ocorrem no cotidiano e que nos tiram do locus que até aquele momento estávamos posicionados, as *facticidades*. O filósofo da Floresta Negra nos chama a atenção para o fato de que estamos imersos no mundo em seu tríplice aspecto (circundante, humano e próprio). Mas, qual nossa compreensão acerca dessa triplicidade?

O *mundo circundante* são as normatizações, regulamentações, ambientações a que estamos fadados a vivenciar em nosso trajeto na vida, ou seja, tido aquilo que compõe o nicho sociocultural e histórico no qual estamos inseridos. O mundo humano diz respeito à nossa imersão nas configurações relacionais de modo geral. Isso significa dizer que somos relacionais, estamos mergulhados na interação ou interações com nosso semelhante, aquele Outro que nos acompanha cotidianamente ou não. Daí, esse pensador nominar que ser-no-mundo é ser-com-o-outro. Sou, estou, estarei sempre nesse viés relacional. Me constituo, me construo, me desconstruo e me reconstruo a partir de e em minhas relações. E, nesse ínterim, caminho autêntica ou inautenticamente junto a esse Outro através do qual me reconheço e me compreendo pertencendo a mim e a meu locus.

Concomitantemente, no meu caminhar cotidiano, sou um ser-de-cuidado. Um cuidado que é expresso para comigo e para com o Outro. Um cuidar que é expresso para além do zelar e do velar. É no sentido de estar comprometido com o Outro de tal modo que possibilite que o mesmo se compreenda como porvir, como devir.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Para Maurice Merleau-Ponty, filósofo alemão, também embasado em Husserl, compreende o ser humano como ser-no-mundo é relacional, contudo, é uma relação entre o meu corpo e a situação em que estou imerso, ou seja, a partir da percepção estabelecida que meu olhar sobre o mundo, a vida e o outro, modifica, amplia.

O corpo, que a fenomenologia nomina “corpo vivido” ou “corpo animado”, ou seja, o corpo que percebe, se move, deseja, sofre. Nesse momento, vale ressaltar que para Merleau-Ponty (2011) há o corpo objetivo, que tem o modo de ser de uma “coisa”, que é o corpo animal, analisado, decomposto em elementos e, o corpo fenomenal ou corpo próprio que a um tempo é eu e meu, no qual me apreendo como exterioridade de uma interioridade ou interioridade de uma exterioridade que aparece para si mesmo fazendo aparecer o mundo, ou seja, é onde minha percepção é efetivada. Isso significa que o corpo fenomenal é um corpo-sujeito que se qualifica como poder de expressão, espírito, produtividade criadora de sentido e de história.

Outro conceito presente na teoria deste autor chama-se escapo, a operação pela qual o homem dá um sentido novo a uma situação recebida, natural ou histórica, e, assim, transforma-a inventando um futuro:

Tudo aquilo que somos, nós o somos sobre a base de uma situação de fato que fazemos nossa e que transformamos sem cessar por uma espécie de escapo que nunca é uma liberdade incondicionada (Merleau-Ponty, 2011, p. 199).

Para Merleau-Ponty (2011) as relações entre os seres humanos ou mesmo entre os seres vivos de uma mesma espécie ou de espécies diferentes (a interanimalidade) desenham um ser intercorporal, um ser indiviso. Assim, a intercorporeidade é entendida como uma extensão das ligações internas ao corpo próprio. Assim, em meu estender de mão para o Outro eu o abarco enquanto outro corpo para além do meu. Nosso relacionar-se é intercorporeidade.

A terceira proposta para a compreensão do vivido é a de Castro (2020,2021,2023) que na Perspectiva dos Três Olhares na Clínica de inspiração fenomenológica remete à relação psicoterápica como um encontro entre duas pessoas que estão voltadas à busca dos sentidos e significados de uma experiência,



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

ou seja, nesse contexto relacional, ao terapeuta cabe o mergulho existencial na historicidade desse Outro, sem estabelecer juízos de valor, pré-conceitos ou pré-concepções do psicoterapeuta para com a história que lhe está sendo trazida.

A partir daí, a pessoa que busca ajuda psicoterápica, lançada em sua própria histórica, percorre sua trajetória de vida, compreende o sentido atribuído a determinada situação e modifica sua compreensão acerca do que até então acreditava, estabelece-se o desencontro. E, esse movimento, propicia novo mergulho em si mesmo após essa modificação de significado, e, com isso, inicia nova percepção sobre si mesmo e seu trajeto, ocorre o reencontro.

É, assim, que no movimento psicoterápico, é fundamental que se compreenda a pluridimensionalidade do olhar, tanto do terapeuta quanto do terapeutizando, no sentido de que ao passar por determinada facticidade, o olhar que lança sobre si mesmo passa por processo de distorção, muitas vezes caracterizado na menos valia, baixa autoestima, baixa autoimagem, baixo autoconceito. E, o mergulho existencial realizado possa, ao ser redimensionado, realizar o auto resgate desse Outro e, conseqüentemente, que o olhar que lance para si próprio transcenda a situação vivida, a concepção que passou a ter sobre si mesmo.

Concomitantemente, outro olhar merece ser discutido e compreendido na relação terapêutica, o olhar sobre o outro. Como está sendo minha convivência com esse Outro? Qual o comprometimento que minha relação com este Outro me traz? Qual o olhar que esse Outro lança sobre mim e como me relaciono com esse olhar que, em meu cotidiano, é que me mostra quem eu sou, em quem me tornei. É, dessa forma, que a partir do Outro, do olhar que lança sobre mim é que consigo perceber-me em meu próprio caminhar, na minha trajetória, me reconheço em seu locus de pertencimento.

Entretanto, outro olhar se faz presente e o que geralmente redimensiona o olhar sobre mim mesmo, o olhar sobre o olhar do outro. As situações, mesmo as mais corriqueiras, podem apresentar um processo que o autor considera como existencialidade tergiversa, em que o olhar que lanço sobre o olhar do outro me faz



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

experienciar angústia, ansiedade, ser unicamente responsivo ao que eu considero que o outro espera de mim. Esse outro passa a ser minha referência, a partir de quem passo a viver o meu dia a dia, transformando meu existir em um completo fechamento a ser quem sou, e nisso, coloco e autorizo o outro com quem convivo a tornar-se abusivo.

Método

O estudo foi realizado considerando o viés qualitativo em pesquisa que, na fala de Minayo (2015), Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019) resulta na compreensão do vivido pelo participante considerando valores, sentidos e significados presentes em seu discurso.

O método utilizado foi o fenomenológico-psicológico trazido por Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019) que preconiza compreender a pluridimensionalidade do discurso do colaborador da pesquisa. Neste caso, para a análise do relato, ousamos adaptar o método proposto no que tange a seus passos 2 e 3 que consistem na identificação da Unidades de Significado e a atribuição de um caráter psicológico a essas Unidades de Significado.

Utilizamos o relato de experiência, a partir do qual, ao mergulharmos no que estava sendo dito, imbricamos com a teoria da Psicologia Fenomenológico-Existencial nos autores Heidegger, Merleau-Ponty e Castro.

Resultados e Discussão

Este momento do estudo caracteriza-se pela apresentação do relato de experiência propriamente dito e sua imbricação com a teoria de base. São trazidas as Categorias Temáticas elaboradas para melhor compreensão.

O ser-criança é transposto em confusão, assegurado do silêncio.

A primeira vez que aconteceu com Nefertiti ainda é meio confuso, mas vão de encontro da mesma época e faixa de idade. Bem, dentre as primeiras vezes, algumas delas foram enquanto visitava o pai em diversos fins de semana quando tinha em



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

torno de 05 ou 06 anos de idade, geralmente o pai a deixava sozinha o fim de semana todo e nesse momento, tinha contato com um primo que devia ser adolescente entre seus 15 ou 16 anos até um jovem adulto, essa informação foge à memória, uma dessas vezes mais marcante e muito clara na mente foi quando ele estava saindo do banheiro só de toalha e ela estava na cozinha, lembra dele abrir a toalha, pedir pra abaixar e colocar a boca em seu pênis, lembra de sentir um cheiro que até hoje vivem em sua memória e um nojo, vontade de vomitar e não querer fazer o que ele pedia mesmo sem saber direito o que era. Essa foi uma das primeiras vezes que foi abusada sexualmente.

Heidegger (2013), Castro (2017, 2019, 2020, 2021, 2023) compreendem o ser-no-mundo, isto é, cada um de nós, como lançados no movimento do mundo sem que tenhamos solicitado. Assim, as situações nos vêm ao encontro e nos arremessam em verdadeiro turbilhão de sentimentos, o que nominam como facticidade. Momento de perplexidade, momento em que somos apenas percebidos por esse outro como o móvel da satisfação de seus instintos, de seus desejos. O olhar do outro sobre mim é, literalmente, de menosprezo, pois sua satisfação é o único objetivo. Execra quem sou a partir de meu corpo.

Castro (2021) revela que somos seres de e em relação. Significa que em nossas configurações relacionais somos levados a compartilhar nosso cotidiano com o Outro. Entretanto, esse Outro nos faz mergulhar em parâmetros existenciais difusos, confusos, quase aniquiladores de nós próprios. Nefertiti certamente havia sido deixada junto a esse primo para que o mesmo pudesse velar, zelar por ela. Contudo, o contrário ocorreu, em vez do cuidar, o des-cuidar, o violar da forma mais cruel, mais insofismável, ela fica à mercê de alguém que é um Outro que manipula, agride, violenta.

A inocência se esvai em meio ao emaranhado do desamparo despercebido.

Naquela época ela não entendia e não sabia a razão disso acontecer com ela e não sabia que podia sequer recorrer a alguém e contar, até mesmo pelo pedido



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

do abusador pelo meu silêncio. Em outro momento posterior, lembra que o primo disse que iria jogar bola e quando retornasse era para ela estar acordada lhe aguardando. Recorda nesse dia que estava cansada e com muito sono, mas quando ele o retornou veio e baixou suas roupas enquanto ela fingia que estava dormindo, tentou penetrá-la pelo ânus com seu pênis e ela só sentia a dor, o ardor, queria que ele parasse, não lembra como essa noite terminou, mas deve ter pego no sono e ele deve ter parado ou sua mente simplesmente resolveu ocultar o restante dessa memória. E esse foi o primeiro.

Na mesma época, entre os 5 e 6 anos, morava com a mãe e seu marido na época e no mesmo terreno que moravam, também lá residiam dois sobrinhos do padrasto. Um deles devia ter entre 12 e 13 anos e o outro devia ser adolescente e ter uns 15 anos de idade. Sua mãe trabalhava fora de casa todos os dias, saía de madrugada e retornava lá pelas 17h ou 18h e ela ficava em casa sozinha o dia todo, incontáveis vezes depois que ela saía, Nefertiti lembra do mais novo vir até a casa que morava e abusar dela, tocando as suas partes íntimas e simulando a introdução do pênis dele em sua vagina e pelo ânus por horas, até cansar. O sobrinho mais velho por outro lado, a levava para a casa que ele morava na parte de trás de onde ela morava e lá a levava para o banheiro, fazendo-a tirar a roupa e ficar em posição pra que ele conseguisse penetrá-la por trás, também pelo ânus e de novo, Nefertiti não lembra de fato se ele conseguiu penetrá-la, porém doía muito e ela queria que parasse, não tem a memória de ter acabado também, é um momento que vive infinito em sua mente e sem desfecho.

A violência impetrada contra Nefertiti, mostra as várias dimensões de um ato grotesco, que a levou a mergulhar na incompreensão do que ocorria e porque acontecia este tipo de atitude contra ela. Percebe-se que o relato nos traz um mergulho no caos em que sua vida se transformou. O Outro me lança na impropriedade de ser ela mesma, não reconhece, nem compreende o que estava acontecendo. Sem força para contrapor a ação, só queria “que isso terminasse”. O



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Outro me invade, o Outro assola minha vida, o Outro me viola. Há um ato violento que se manifesta em seu corpo, que impregna seu corpo.

Lembrando-nos de Merleau-Ponty (2011) quando revela que é no corpo, no meu corpo que sinto, percebo e, principalmente, atribuo sentido para minha caminhada. E, neste caso, o relato é rico no sentido da não-compreensão, do desamparo em que Nefertiti se sentia lançada. Heidegger (2013), Forghieri (2011), Castro (2020, 2021, 2023) compreendem que a dimensão do vivido é o sentirmo-nos lançados em situações que não foram escolhidas, não foram pedidas por nós. Nefertiti encontrava-se lançada em um mundo que não entendia, em um mundo que não lhe respeitava, em um mundo relacional que a vilipendiava como ser humano.

A perpetuada sucessão de ser-violada.

Em outra ocasião, enquanto dormia em um beliche na parte de cima, no mesmo quarto que a mãe e seu marido, lembra de estar dormindo e acordar com o padrasto pelado se tocando na mesma cama que ela, ele pediu que Nefertiti voltasse a dormir e ela assim o fez. Em um outro dia, lembra de acordar em cima dele, dessa vez na cama dele, com ele sem roupa, acariciando-a e ela estava sem roupa, lembra de perguntar onde estavam suas roupas e ele falar que estavam na gaveta. Tentou sair de cima dele e ir se vestir, mas ele pediu que ela se acariciasse pra ele e ela o fez, mas logo pediu pra sair de novo e ir colocar suas roupas. Essa foi a última vez que recorda dele a aliciando.

Quando criança e morando com a mãe, era uma criança muito rebelde pra concepção da sua mãe, por diversas razões que não caberiam aqui e então ela [a mãe] a mandou pra morar com o pai, segundo ela, como uma forma de castigo. Morando com ele passava quase nenhum tempo na casa que ele morava junto com a madrasta, passava mais tempo com a família da madrasta naquela época e foi quando conheceu o então marido da irmã de sua madrasta. Não se recorda exatamente de quando foi a primeira vez que ele a abusou, mas uma das primeiras vezes foi quando ele morava em um apartamento embaixo do que ela morava com o



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

pai. A esposa dele passava o dia fora e seu pai e a madrasta também ficavam bastante tempo fora e eram nessas ocasiões que ele a chamava pra dentro do apartamento dele, a fazia deitar na cama dele, baixava sua roupa e ficava horas esfregando o pênis em suas partes íntimas, até cansar e mandá-la embora. Nefertiti recorda dele dizendo que ela gostava e na menina medo e confusão por não saber o que era aquilo e por qual razão estava acontecendo com ela. Isso se prolongou por muitas e muitas vezes. Tinha parado quando me mudou com o pai para outro apartamento não longe dali, mas como mencionado, passava muito tempo só e também na casa da mãe e do pai da madrasta. Foi quando conheceu o pai da madrasta. Um homem que na época devia ter seus 60 e poucos anos. Ela era obrigada a ir pra igreja com a mãe da madrasta, mas quando não ia, ou a deixavam sozinha, geralmente ficavam ela e o pai da madrasta que nunca ia para a igreja, salvo raras vezes. Nessas ocasiões era quando ocorriam os abusos, uma das primeiras vezes lembra de fingir que estava dormindo e quando ficou sozinha, no quarto, só com ele, lembra de ele ficar esfregando o pênis em sua boca, enquanto ela fingia dormir e depois parou. Em outras noites, decorrentes da mesma situação, onde ficavam só ela e ele, ele a tirou da rede onde estava dormindo, tirou sua roupa e começou a colocá-la de modo a ficar se esfregando em cima do pênis dele, nu. Isso também ocorreu muitas vezes, umas delas ficou mais nítida, que foi quando ele tentou penetrá-la pelo canal vaginal. Como o membro dele não cabia, ele tentou com os dedos e ela só me lembro de pular da cama pela dor que sentiu, ao passo que ele ficou assustado e perguntou “o que foi?” depois disso ela colocou a roupa de volta e voltou para a rede.

Precisamos compreender a corporeidade neste momento. Para Merleau-Ponty (2011) a vivência do meu corpo em determinadas situações que agregam sentido, significado à experiência. Parece-nos que o corpo do abusador opera à mercê dos desejos e valores distorcidos. É um corpo exacerbadamente erotizado, que se aproxima do outro corpo para satisfação de seu desejo infreme, causando no outro repulsa. É um corpo que poderíamos chamar de instrumentalizado e excessivamente



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

colocado em função de uma satisfação sexual não consensual, pelo contrário, é um instrumento que imprime dor e sofrimento. Como nos diz Castro (2021) a violência sexual mantém o abusador na condição de quem se compraz, se satisfaz com o ato que realiza, é a distorção relacional, é o inautêntico olhar sobre o Outro que recebe o ato violento.

Convivendo com o violentador

Na mesma casa, da mãe da sua madrasta, houve um tempo em que o cunhado da sua madrasta foi morar lá e foi quando tudo piorou, então não havia apenas um abusando de mim e sim dois. Uma das primeiras abordagens dele foi na cozinha, quando tinha gente na casa, ele a fez agachar e ficou tocando sua vagina embaixo da roupa, enquanto repetia que sabia que ela gostava daquilo e a menina só conseguia se sentir suja e errada. Em outras oportunidades ele sentava na mesa a seu lado e dizia que ia ensiná-la como satisfazer um homem e colocava sua mão no pênis dele e pedia para masturbá-lo, o que naquela época Nefertiti não fazia a mínima ideia do que era. Posteriormente, quando estava só com ele, ele a fazia deitar na cama e continuava com o mesmo abuso que fazia logo no início, tirava sua roupa, pedia para a menina não olhar e ficava esfregando o pênis nela por muito tempo. E teve um dia em que ao fazer isso ele parou bruscamente e mandou-a embora, a menina ficou sem entender a razão, então mal vestiu sua roupa e saiu do quarto dele. Ficou chorando em outro quarto na cama em frente ao dele e não demorou muito, ele foi lá onde ela estava e continuou a se esfregar, pedindo que ela não olhasse. Essa foi uma das últimas vezes que aconteceu.

Quando tinha 14 anos e não morava mais com meu pai, só o visitava, teve uma vez, no ano novo, que ela foi para a igreja com ele e a família da sua madrasta e o cunhado dela foi junto, na volta pra casa ele tentou alisar sua perna, ao passo que só desferiu um tapa em sua mão e lembra, nesse momento, do mal estar, repulsa que ficou por aquilo não ter acabado ainda, por estar no mesmo carro que o pai e ele [o cunhado da madrasta] ainda assim tentar. E teve uma última vez que ele tentou,



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

quando foi visitar seu pai e este não estava em casa, e quem atendeu o portão foi o cunhado da madrasta. Ele a chamou para entrar, dizendo que a esposa estava em casa e Nefertiti recusou e foi embora, mas ficou pensando o que teria acontecido comigo se tivesse cedido.

A sexualidade preconiza encontro com o outro de uma forma plena e consensual. Não é apenas a vivência de um hedonismo exacerbado ou quaisquer questões dessa natureza. Esse último aspecto caracteriza perversão, onde o outro não é levado em conta, onde o outro é apenas objeto a ser manipulado a meu bel prazer. Utilizo de minha força, de meu poder sobre essa pessoa que, continuamente é submetida a meu desejo e vontade deletérios desse movimento.

Entretanto, o outro consegue iniciar a perspectiva do limite. E inicia a prática do “não”. Consegue estabelecer parâmetros até onde esse abusador pode chegar. É um resignificar-se a si mesmo e suas possibilidades. Nefertiti, inicia um movimento de não permitir que o outro a agrida. Toma para si a própria caminhada e, dessa forma, coloca em prática o que Heidegger (2013) prenuncia como a autenticidade do *Dasein*. Significa dizer que a adolescente toma para si as rédeas do próprio caminhar e, ao fazer isso, mantém esse outro à distância, sem chance de que possa voltar a cometer o desatino.

O silêncio resguardado pela facticidade

Nefertiti guardou tudo consigo mesma, não contou para ninguém, tinha medo do que a mãe pudesse fazer. Achava que iriam culpabilizá-la, se sentia suja, enojada de si mesma e sentia que ninguém ficaria a seu lado. Só contou para seu primeiro namorado, pois queria que ele entendesse caso precisasse ir com calma na primeira relação sexual. Para seu alívio, ele ficou arrasado com o que aconteceu e a respeitou. Só conseguiu contar para o pai aos 22 anos, com o maior número de detalhes possível. Não sabia o que esperar como reação dele, mas certamente não foi a que recebeu.



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Um ano mais tarde, contou para a mãe, que questionou se Nefertiti não estava mentindo e depois se colocou a chorar se sentindo culpada. Foi com ela até a delegacia e lá escutou da delegada de plantão que era uma causa perdida, mesmo sem o crime ter prescrito, que sofreria a vergonha da exposição e no fim poderia resultar em nada. A mãe pediu que não desistisse. Não falou para ela [a mãe], mas naquele momento decidi deixar para lá.

Questão muito presente quando lidamos com casos de abuso sexual na infância é o que tange ao Pacto do Silêncio. Como se dá esse movimento? A partir do ato desumano impetrado, o abusador lança para o que foi violentado a perspectiva de que nada pode ser dito, pois certamente será nominado mentiroso. É a tua palavra – criança – contra a minha – adulto -. E nisso, propicia que a criança se sinta coagida e, além disso, culpada por não ter dito absolutamente nada acerca do ocorrido. É quando se instaura o que Heidegger (2013) compreende como im-propriedade.

A criança, nesse processo, desapropria-se de si mesma, não se reconhece diante da violência sofrida e, dessa forma, é lançada a não se sentir pertencendo a seu próprio movimento de existir. Se fecha, se enclausura em sua dor, em seu nojo, em seu sentir-se errada. Como nos diz Castro (2021) o olhar sobre si mesma se torna distorcido, não consegue vislumbrar um caminho por onde seguir, afinal, na vida de Nefertiti foi constante o investimento do outro no sentido de machucá-la, infringir os limites do humano e ser coagida a nada dizer.

Entretanto, Nefertiti consegue relatar o ocorrido. Consegue expurgar um sofrimento tão contínuo e avassalador que a acompanhou e, poderíamos dizer, constituiu sua historicidade. E, ao fazê-lo, reflete sobre as várias dimensões do vivido e da escuta desse outro para quem contou suas desventuras. Se por um lado foi aceita, por outro tem a negativa de que manter-se calada é o menor dos sofrimentos.

A liberdade incorporada pelo medo, rumo a plenitude.

Nefertiti não sabia o que fazer com tudo isso que aconteceu, só sabia que isso não poderia definir quem ela é e, principalmente, ela foi a vítima e não a culpada, o



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

que aconteceu com ela foi criminoso. Chegou a conversar com uma amiga advogada que prontamente ficou do seu lado. Ficou dias pensando se daria início a um processo. Chegou à conclusão de que, uma vez que, a justiça não estaria ao seu lado, não se submeteria reviver tudo de novo, sendo chamada de mentirosa quem sabe, só resolveu deixar para lá. Mas o questionamento de “e se houveram mais vítimas?” ficou dias, meses em sua cabeça. Gostaria de fazer algo a respeito só não sabia o que poderia ser, até agora.

Hoje, Nefertiti após ter tomado para si as rédeas do existir, consegue experienciar seu dia a dia para além de todo o sofrimento causado pelo outro. Reflete sobre a possibilidade de como sua vivência poderia vir a auxiliar outras meninas e meninos que possam estar sofrendo a mesma experiência. Seu olhar sobre o Outro vem no sentido de colocar-se em disponibilidade, cada vez mais, de forma que crianças e adolescentes possam caminhar de modo mais pleno, para além de situações que causam dor e sofrimento pela grandiosidade da vilania com que foram implementadas.

O olhar de Nefertiti possui a grandeza da solicitude para com o Outro até pela profissão que escolheu. Nefertiti acolhe, escuta e cuida. Nefertiti optou por acompanhar esse Outro em sua dor sem juízos de valor, preconceções ou preconceitos. Nefertiti escolheu a si mesma para caminhar e se fazer presente, continente junto aos que a procuram e demandam por cuidado. Ser-no-mundo chamado Nefertiti é um ser-de-cuidado.

O emaranhado de traumas que as vivências de ser-no-mundo trazem, são de fato poderosas ferramentas para definir qual será o futuro que está resguardado após ser violado, mas aqui podemos dizer que foi um ciclo que felizmente teve seu fim imposto por Nefertiti, não imune às consequências vivenciadas, mas como Castro (2021) nos aponta, buscando toda rede de apoio, agora com acesso á informações, com as possibilites de ter tomada as rédeas, o que fazer a partir de agora? Forghieri (2011) traz a reflexão de que a vivência do ser-no-mundo terá um significado para quem a vivenciou, mas não será visto como o que de fato é, mas trazendo a



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

possibilidade de estabelecer a relação que lhe é atribuída. Diante disso, pode-se considerar que Nefertiti de fato tomou conta do que lhe ocorrera e lhe atribuiu uma nova relação: a de superação.

Dessa forma, a família e os profissionais viabilizam esse Cuidar, e em suas falas as participantes se sentem cuidadas, zeladas com desvelo, o que propicia elementos necessários ao enfrentamento e ressurgirem para suas vidas, almejando seguir adiante, buscando deixar o passado no passado e, assim, cuidarem de si próprias e se perceberem como um ser-de-possibilidades. (Castro, 2021)

O Abuso, bem como os abusadores em si, teria estabelecido ali na sua infância uma relação de poder, de limitação e de sofrimento a cada vez que Nefertite revivia em suas memórias o que lhe ocorrera, todavia, a relação corpórea que ficou, a sensação que ainda permaneceu, o gosto amargo e a ansiedade presente ainda perpetuam, Forghieri (2011), bem coloca que mesmo quando imaginamos ou lembramos de algo, ou de alguém estes ainda se mostram como uma forma, perfume, gosto, textura e etc. E além disso, ela também aponta que o corpo, além de tudo, possui a capacidade de expandirmo-nos no existir do mundo, pois não estamos apenas fisicamente localizados. Com isso, podemos dizer que toda vivência ocorrida por vítimas de ASI, mesmo que a tanto tempo, ainda são capazes de serem revividas, especialmente com as sensações do corpo em toda a sua magnitude, todavia, não mais afetá-las. Fatidicamente, o trauma lhe persegue por toda a vida, por mais que este por sua vez, seja superada e não mais tenha quaisquer poderes sobre Nefertiti, o que se segue, portanto é a reinvenção da possibilidade se apegar no ser-de-esperança.

Quando o ser não é capaz de entender suas emoções, de conviver com elas, frequentemente, busca, alhures, explicação para aqueles sentimentos dos quais não consegue livrar-se, recorre à religiosidade, possibilitando a transcendência da dor e do sofrimento. (Castro, 2021)



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Outra perspectiva, Castro nos traz a coexistência do cuidado com a espiritualidade muito presente em muitos casos de confusão emocional e do não saber o que fazer com o que aconteceu. É fato que quando na fase da primeira infância, pouco se sabe do que é a espiritualidade e as relações se ali se estabelecem, entretanto, muito comumente, os pais ou progenitores, levam seus filhos para adentrarem nesse mundo mesmo sem a devida compreensão, por fim, nos deparamos com a busca desenfreada de estabelecer a relação com essa espiritualidade que se diz acolhedora e que não vai trazer julgamentos, culpa ou vergonha, sentimentos já enraizados nas vítimas de ASI.

Por fim, a redenção da culpabilização é alcançada por meios não prescritos, mas pela busca incessante de ressignificar de muitas maneiras o que lhe foi feito e como se vê o ser-no-mundo. Os traumas vão sempre coabitar com as superações, resta saber o que se sobressai. Jamais o Abuso Sexual na Infância deveria ser romantizado, portanto, tampouco é bonito de se ver, ouvir ou falar sobre, não é aí que se origina a força de se reinventar, e sim na conscientização de tornar o que não é bonito, incomodo, inconcebível, tornar o que é monstruoso, em enfrentamentos não apenas por parte das vítimas.

Considerações finais

Falar sobre índices de abusos, é ser negligente e ser conivente com os milhares de casos que não são denunciados. De fato, há uma veracidade em falar sobre os números já absurdos presentes em nossa sociedade, mas quanto aos inúmeros casos de vítimas que crescem cada vez mais envolta de uma camada de assombros e solidão, por vezes. Podemos dizer, que carregar traumas é solitário, uma vez que somente quem passou por isso, sabe dizer exatamente como se sentiu e o que carrega dentro de si. Assim se prova o que Castro (2021) aponta como a modificação da identidade pessoal e a maneira de ser-no-mundo. Tal brutal é o ASI, capaz de mudar completamente um indivíduo para melhor ou para pior.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

A invisibilidade para os casos de ASI, podemos assumir, que é assombroso, uma vez que se perpetua em uma sociedade que se julga tão evoluída, mas fecha os olhos para o que está bem a frente. Chegamos ao fato de que por maior que sejam as redes de apoio para vítimas de ASI, ainda não chega nem perto de ser o bastante, as leis não são suficientemente punitivas, uma vez que das raras vezes que um violentador vai a justiça.

O Projeto de Lei 5095/20 aumenta a pena do crime de estupro de vulnerável para até 20 anos de prisão em regime inicialmente fechado. A pena prevista no Código Penal de hoje é de 8 a 15 anos de reclusão, enquanto a proposta aumenta a pena para 10 e 20 anos. (Siqueira, 2020)

Agora nos atentamos ao fato que na realidade, um violentador, quando punido, não chega nem a três anos de prisão, se tiver bom comportamento. Nos questionamos então, quanto vale alterar completamente o curso de vida de uma pessoa? Para a sociedade, vale de 8 á 15 anos. Quando falamos sobre alterar o curso de vida de uma pessoa, falamos também de todos os efeitos que são gerados a partir disso, conforme foi possível observar, todas as áreas da vida são completamente afetadas e alteradas. Chegar à plenitude, não é impossível, todavia há um preço alto que sabemos, nem todas as vítimas podem se dispor. A dedicação de tempo para ressignificar, os anos atribuídos ao luto da perda do eu-no-mundo, a vergonha e frustração até mesmo quando finalmente se toma coragem para contar ao mundo.

Aqui podemos destacar ainda, a violência e a perda da inocência de Nefertiti que lhe foi arrancada. A sociedade ainda não está totalmente preparada para auxiliar nesses traumas, me pergunto aqui, se não estão mais do lado do abusador do que da vítima. Visto que o cuidado com o abusador é maior do que os cuidados com a vítima em si quando esta é exposta. Ao adentrarmos em tais questões, é inquestionável que a infância é perdida. O desamparo estarrecedor não comove e tampouco é acolhido no silêncio que é aberto anos depois, já em uma fase adulta.

Este trabalho possibilitou um novo olhar sob as vítimas de ASI, a partir do caso de Nefertiti, podemos sim, encontrar a superação, mas podemos elencar que não são



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

todos os casos que não são todos os casos que encontram tal superação, tampouco podemos dizer que são muitos, uma mudança na conduta de toda uma sociedade é de extrema urgência. A prevenção, podemos dizer aqui é o melhor caminho para alcançar uma baixa substancial de casos de ASI. Visto que os impactos dos medos, adoecimentos psicológicos, adoecimentos físicos e entre tantos indicadores são notáveis.

O vislumbre de uma possibilidade de um ser-no-mundo seguro e que tem uma rede de proteção, e o que podemos tirar daqui, é levantar questões que são incomodadas e que são pouco faladas, especialmente quando falamos de um grupo de pessoas que ficam à mercê do ser-cuidado. A instrução e a proliferação de acesso à informação em lugares mais extremos e remotos, são primordiais, bem como o fortalecimento de políticas públicas mais severas e que tragam de fato segurança não só para as crianças, mas para todas as pessoas que estão à mercê de uma rede vulnerável e falha.

Nossa sociedade é marcada por casos que vão à mídia e que geram revoltas, mas não geram mudanças. Trago um breve exemplo: o caso é acalorado, exposto, julgado e sentenciado, como resultado nos últimos anos, podemos observar crianças de 10 anos de idade ou menos que são violentas sucessivas vezes, engravidam, sem entender o que se passa, geram uma vida, fruto de um abuso, são expostas a perversidade de ter seus direitos recusados em “prol da vida”, mas a vida daquela criança jamais será devolvida, o que se perde, jamais é recuperado, e vemos a fala mais uma vez quando essa mesma criança passa mais uma vez por essa mesma violência, engravidada novamente e tem seu direito recusado mais uma vez (Lucas e Altino, 2022).

O fenômeno do Abuso sexual na infância, por fim, traz desenvolturas catastróficas e monstruosas na vida de um pequeno ser humano. E o ser-si-mesmo é completamente modificado. As maneiras de existir, se tornam pesadas e em todas as vertentes, potentes. A forma de existir dos objetos de vivência do ser-criança devem ser preservados, na expectativa de um futuro de uma sociedade melhor.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

O que se pode ainda tirar desse artigo, é um fato curioso apresentado pela ciência, que afirma que a cada 7 ou 10 anos, todas as células do corpo são regeneradas, isto é, as células velhas morrem e são substituídas por novas (Scienceaq, 2022). A centelha de esperança embasada por uma descoberta que tem a capacidade descomunal de trazer alívio que muitas vítimas de ASI sentem ao se depararem com o próprio ser-violado. A oportunidade de um novo ser-no-mundo com o próprio corpo.

Referências

- Brasil. Conselho Nacional de Pesquisa (2018) *NJ Serviço: Prescrição de crime sexual contra criança foi ampliada*. <<https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-prescricao-de-crime-sexual-contra-crianca-foi-ampliada/>>.
- Brasil. Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (2020) *Ministério divulga dados de violência sexual contra crianças e adolescentes*. Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes>>.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2017) A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de (org.). (2017) *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Appris.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica* - 1ª edição - Appris.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica*. – 1ª ed. – Editora Appris, 2020, p. 157-176.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) *Perspectivas em Psicologia Fenomenológica: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, 2021.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021). Violência sexual contra a mulher: diálogo fenomenológico. *Quaderns de Psicologia*, 23(1), e1633. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1633>



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) Plantão psicológico em escolas da rede pública de ensino em Manaus: possibilidades e perspectivas. *Amazônica – revista de psicopedagogia, psicologia escolar e educação* – vol. 16, nº 1, jan-jun, p. 9-32
- Cerbone, David R. (2014) *Fenomenologia*; tradução de Cesar Souza. 3. Ed. - Vozes (Série Pensamento Moderno)
- Figueiredo, Ana Caroline Lopes de (2022). *Abuso contra crianças e adolescentes no contexto intrafamiliar no Amazonas*, Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Serviços Social. Universidade Federal do Amazonas. 76 f.
- Forghieri, Yolanda Cintrão (2011) *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. Pioneira Thomson Learning.
- Giorgi, A. & Souza, D. (2010) *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Fim do Século.
- Heidegger, M. Ser e tempo (2013). Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback – 8ª ed. – Vozes; Editora Universitária São Francisco.
- Leal, Artur; Altino, Lucas (2022) Menina grávida em SC: investigação aponta que ato sexual envolveu duas crianças, inimputáveis. <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/06/estupro-em-sc-investigacao-aponta-que-ato-sexual-envolveu-duas-criancas-inimputaveis.ghml>>.
- Merleau-Ponty, Maurice (2011). *Fenomenologia da percepção*. 4ª ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. (Biblioteca do Pensamento Moderno)
- Pereira, Denis Guimarães; Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2019) Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de. (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* – 1ª ed. – Appris, p.15-32.
- Platt, Vanessa Borges *et al.* (2018) Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 1019–1031, 1 abr.
- Risman, Arnaldo; Figueira, Rosania Lúcia; Vieira, Gabriela Medeiros; Azevedo, Lívia Teixeira de (2014). Abuso sexual intrafamiliar: Um olhar multifacetado para o incesto. *Psicologia para a América Latina*. v. 26, p. 87–105.
- Rygaard, Niels Peter (2006). *El niño abandonado*. [s.l.] Editorial GEDISA.
- Scienceaq (2022) *Seu corpo realmente se substitui a cada sete anos?* <http://pt.scienceaq.com/Biology/1004021751.html>



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Siqueira, Carol; Oliveira, Marcelo (2020). *Projeto aumenta pena de estupro de vulnerável para até 20 anos de prisão* - Notícias. <<https://www.camara.leg.br/noticias/705788-projeto-aumenta-pena-de-estupro-de-vulneravel-para-ate-20-anos-de-prisao/>>.

Recebido: 06/2023

Aceito: 07/2023

Publicado: 31.07.2023

Autores

Tagna Jacques da Mata

Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em Escolas do Sistema Público em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN. E-mail: tagna_jacques@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5537-5529>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>